

# A MARMOTA.

Publica-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — **Nova Typographia de Paula Brito** — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis meses para a corte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e também na praça da Constituição n. 64. Na avulso, 160 rs.

## A MARMOTA.

### GUIA PRÁTICA

DO

### COMPOSITOR TYPOGRAPHO

POR

THEOTISTE LEFÈVRE

OBRA PUBLICADA EM PARIS.

Antes de entrarmos na enumeração summaria dos capitulos deste livro, que contém *specimens* de todos os generos, em figuras gravadas em madeira, quadros-modelos, preceitos e regras as mais apropriadas e concisas a formar typographos de um gosto inteiramente raro; antes de indicarmos o fundo deste bello trabalho, que deveria ser com effeito a guia de todos os que praticam a arte sublime de Guttemberg, não já como officio, mas como sciencia, que tem seus mestres illustres entre os bibliophilos; sejamos permittido exprimir a admiração que nos causou o aspecto desta magnifica impressão, onde tudo, até o espaçamento mathematico das linhas, annuncia no seu autor um emulo distincto dos typographos, que faz a gloria da imprensa e as delicias dos seus collegas!

E' verdade que o Sr. Lefèvre achou grande coadjuvação para levar ao cabo a realisação de sua idéa. Um dos collaboradores dos Srs. Firmin Didot poz á sua disposição todos os pertences de seu immenso

materia typographico, inclusive os typos mais puros e perfeitos de sua fundição, uma das mais completas e variadas.

Portanto não é uma vã expressão de reconhecimento a dedicacão de sua obra aos Srs. Paulo e Alfredo Firmin Didot, já associados de seus pais e promptos a seguir as tradições de sua celebre familia.

Nada pois faltára no Sr. Lefèvre para fazer uma obra prima, que figurou na exposição de 1855, recebendo o seu autor os applausos de todos os que em França, como no estrangeiro, buscam a perfeição na arte que amam ou que cultivam. Sob nossos olhos temos mais de um desses testemunhos de admiração, que são como que a sancção da recompenha honorifica d'aquillo que o jury da exposição julgou digno a o governo distinguir.

A *Guia pratica do compositor typographo* não é só destinada á instrucção dos typographos, mas também aos que teem com elles proxima ligação. Os editores, não os que imprimem em suas casas livros, como antigamente se fabricava o panno sem ter o fino tecido, seu numero é muito limitado,ahi e não querem sahir da velha rotina que seguem. Dirige-se igualmente aos escriptores que pretendem que suas obras saiam com apurado gosto, aos bibliophilos, é mesmo aos simples amadores para ensinal-os a distinguir uma obra fabricada de uma obra executada com arte, gosto e experiencia, que dão tanto valor ás edições revestidas da nota dos mestres.

Eis aqui de que se compõe a obra prima que quereíamos pôr sob os olhos de todos os nossos leitores. Limitamo-nos ao summario dos capitulos, tal como o Sr. Lefèvre o dá em uma curta introdução:

chegado ao seu angel! Vozes, risos e salvas de alegria se ouviam de mistura e o prazer tinha tomado todos os espiritos. Vendo tão alegre bulha, o Coronel tornou a si um momento das grandes emoções porque havia passado, e uma subita esperança lhe rennimou o coração. Talvez se tivesse elle enganado! Quem o assegurava de que D. Narcisa não estaria já no seu quarto quando esse homem delle saltou?.. E quem sabe se já o seu lindo semblante não aformosava nesse momento o salão, e dava aos circumstantes toda essa alegria, cujos sons vinham até elle? Era incontestavel que semelhante alegria não se daria se tal desgraça hbuvera acontecido. Ah! não havia duvida, elle se havia enganado. A appareição sinistra que tinha visto não passava d'uma circumstancia bem simples, a que sua imaginação, ainda ha pouco tranquilla, tinha emprestado decorações tão medonhas.

Para um dia de bódas não felta que

« O primeiro capitulo dá ao aprendiz, desde o conhecimento da caixa até a demonstração do que encerra a composição, a distribuição, a correção, a paginação e a imposição, tudo com a maior simplicidade. As difficuldades, mais ou menos numerosas que podem encontrar-se na execução destes trabalhos, são o objecto do capitulo II.

« O capitulo III é consagrado ao estudo dos signaes algebricos, geometricos, botanicos, etc., dos algorismos romanos e das abreviações mais usadas.

« O capitulo IV tem por objecto a composição dos frontispicios ou grandes titulos, capas, caracteres da escripta, quadros, de algebra de interlinear e do canto-chão.

« O capitulo V contém instrucções detalhadas sobre a composição do latim, italiano, inglez, grego, grego de instrucção, copta, allemão, russo, arabe e hebreu.

« O capitulo VI trata das funcções inherentes ao aprendiz compositor, paginador e dos empregados jornaleiros.

« O capitulo VII encerra observações para a leitura das provas.

« No capitulo VIII trata elle da caixa franceza e do vicio da classificacão actual.

« O capitulo IX offerece o plano de todas as imposições.

« Enfim, um vocabulario typurico fórma o capitulo X. »

Não terminaremos sem assignalar como um precioso complementó do livro uma serie de desenhos compostos pelo Sr. Marc, um dos melhores collaboradores da *Illustração*, representando, com exactidão e uma precisão perfeitas, todos os movimentos e acções do compositor na officina, de maneira a poupar o tempo, a impedir os movimentos

aproveitar dos ladrões que não vivem de alegrias.

Alguem tinha entrado no quarto da noiva, e d'alli certamente levado uma pacotilha, e eis porque corria tão veloz e fugia em uma canoa... Ah! que de boa vontade elle o deixaria com o seu roubo, se D. Narcisa estivesse no salão! Aliviando o peso que opprimia seu coração com a reflexão, chegou á casa uma hora depois do acontecimento, e já hesitava no partido que devia tomar em tal conjunctura. Ao approximar-se, porém, do cavalheiro, seu coração palpitou de prazer, pois lia-se em seu semblante a ventura que o donhuava, o cuja alegria parecia dizer-lhe bem alto que elle se havia enganado. Quando temos leves queixas de que accusar o sorte, vem uma desgraça real ensinar-nos que não somos tão infelizes, e então nos agartamos ao que dantes desprezavamos, com tanto maior ardor, quanto indifferente nos foi. Assim é Coronel, que ao começar

## P O L E T I M .

### D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

PÊLA INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

Era sobre a Pedreira a antiga morada da joven senhora. D'alli se podia ver sem embargo a casa grande, que estava galbarda e soberba com suas ondas de luzes, cujos fulgores internos vinham misturar-se com os que a rodeavam de fora. A festa tinha

perdidos, assegurando contra os riscos da manipulação um trabalho minucioso e complicado, como é o trabalho delicado do compositor typographo. O Sr. Lefevre juntou a isto vinhetas do compositor, executando todas as funções representadas nos desenhos, e para que este annexo util da obra fosse digno do resto, a gravura dos desenhos do Sr. Marc foi confiada ao Sr. Lavieille, um dos mais habéis gravadores sobre madeira, de Paris.

TRAD. POR BRAULIO CORDEIRO.

## TARDES DE UM PINTOR

OU

### INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924.)

#### Volume II.

(Principiou no n. 947.)

#### TARDE VIII.

#### CAPITULO XVII.

DO QUE ASSENTARAM FAZER ROBERTO E LEONCIO.

O padre Roberto apenas sahio da casa de Paulo botou-se para a de Leoncio, o qual não estava em casa. O padre o esperou; e o licenciado pouco se fez esperar. Logo que Leoncio chegou, lhe disse o padre Roberto:

—Os nossos negocios estão melhores do qua eu esperava.

—Então como?

Roberto contou tudo quanto se havia passado entre Paulo e Clara. Tendo ouvido, pois, tudo, disse Leoncio:

—Neste caso torna-se absolutamente precisa a morte de Julianno.

—Absolutamente precisa.

—E como?

—É precisa de qualquer maneira.

—Elle está tão longe.

daquella festa não lhe havia prestado a menor attenção, agora se achava com inteira disposição de tomar parte em seus prazeres.

E foi com a maior alegria que entrou no salão. Ah! o salão estava vazio!.. D. Narcisa de Villar allí não se achava!..

—Onde está a senhora? perguntou elle pallido como um defunto ao criado que nesse momento servia.

—Não sei, Sr. Coronel; ainda ha pouco allí era vista, responden este designando o lugar vazio em que vira a moça.

—Não sabe, meu amigo, onde se acha a senhora sua irmã? disse elle ao cavalheiro indo-o procurar.

—Provavelmente no salão onde estava ha pouco.

A esta resposta, dada com a segurança de quem não duvida, mas que não dava certeza de que se havia notado o desaparecimento da joven Sra. de Villar, todas as suspeitas do pobre noivo tornaram em tre-

—Embora; do longe se faz perto.

—Está o diabol!

—Meu amigo, quem quer a moça anda com o pé, move com a bolsa.

—É um antigo rifão nosso.

—Si o Ligeiro fosse capaz disso...

—É de quem me lembrei.

—E será elle capaz? terá animo para tanto?

—Animo tem elle: é um tanto estouvado, é verdade.

—Mas nós não temos a quem cometer esta importante commissão senão a elle.

—Ou esperarmos que Julianno venha.

—Mas não me contaste que esse Justo do diabo vela sobre os dias de Julianno como um anjo?

—Por isso mesmo seria melhor que a empreza fosse lá executada.

—Sou de parecer que incumbamos o negocio a Ligeiro.

—Tambem eu assim o penso.

—Quanto lhe deveremos dar?

—Eu creio que para ida e vinda, bastarão ahí uns duzentos mil réis.

—Si elle fôr c vivo, e se sahir bem da empreza; que diabo é que lhe demos mil cruzados e meio até dous?

—Isso é verdade. Onde estará elle agora?

—Sem duvida no Collegio.

—Queres que o mande chamar?

—Manda-o.

Leoncio chamou um seu escravo, e mandou-o ao Collegio dos Jesuitas chamar a Ligeiro. O escravo partiu á toda pressa. Pouco tempo depois entrou o escravo e com elle Ligeiro. Logo que Ligeiro chegou, disse-lhe Leoncio:

—Ligeiro, és um optimo rapaz!

—Sim, Sr., respondeu-lhe Ligeiro, em vos agradeço. Já sei que precisas de mim. Podeis dizer o que queresis.

—Ligeiro, es um guapo, um brioso e um valente rapaz; mas ainda não estais aclamado pelo primeiro bravo.

E' verdade, mas depois que eu vos prestar um grande serviço, que ora exigis de mim, serei aclamado pelo primeiro bravo.

—Sim; mas sabes tu que esse serviço te deve metter n'algibeira assim umas trinta dobras?

—E' pouco.

—Pouco! O' velhaco!.. Se tu ainda não sabes o que é...

—Seja o que fôr, é pouco.

pel ao seu espirito. Quasi que já não duvidava, e sentia a perda de um tempo precioso e já longamente desperdiçado. Foi por isso que disse de novo a D. Martin:

—Pego-vos, não sem motivo, que procureis vossa irmã em seu quarto...

—Fallais-me de um modo, Coronel!.. Estaes indisposto?

Porque a physionomia do militar estava inteiramente transtornada.

—Procurai-a, meu amigo, e não percais tempo; dir-vos-hei depois as razões que me fazem assim proceder.

O tom de insistencia com que foram ditas estas palavras decidiram o cavalheiro a ir ao quarto de sua irmã, sem mais explicações.

Movido por certa curiosidade, ou antes sorprezo das palavras ambigüas do militar, foi procurar a donzella no salão; não a encontrando allí, procurou-a no seu quarto e em toda a parte onde ella podia estar: tudo estava deserto; era certo que a noiva

—Pois não te dei outro dia por'uma leve brincadeira quatro dobras?

—E se não lh'a fiz muito melhor, é porque o senhor licenciado não quiz; mas se estais arrependido, ainda estamos em tempo.

—Estais hoje de muito bom humor, velhaco.

—Como sempre. Mas vamos: para que é que se dá trinta dobras?

—Ora, para o que hade ser?! Para uma do tuas ligeiras tratadas.

—Ha risco?

—Pouco.

—Ou nenhum, disse o padre Roberto, de dançares com uma corda ao pescoço pendurado da forca.

—Sim! e por trintá dobras, em? senhor licenciado!

—Oh toleirão! disse Leoncio, morrer enforcado ou antes de afogadilho, é a melhor morte que pôde haver.

—Ah! então aquelle sujeito que foi enforcado outro dia, que cahiu vivo e foi apadrinhado pela bandeira da Misericordia, ereis vós, senhor licenciado?

—Eul oh atrevido!..

—E então como sabeis que morrer enforcado é a melhor morte que ha sem terdes morrido?

—Não vês que sou medico, tolo, e que sei conhecer todas as mortes?

—Ah! eu supponha que os medicos só matavam com remedios. Com que os senhores licenciados tambem empregam o laço?! Irra!...

(Continúa.)

## O VINHO.

Notas a respeito de alguns bebedores illustres.

Pois que, segundo o maxima de Senecca, somos obrigados a regular a nossa conducta pela dos grandes homens—*cita est iustituda illustribus exemplis*—não deve causar admiração haver tanta gente que se embriague. Nisto não fazem os que procedem assim senão seguir o exemplo de antigos reis, pois hem poucos hoveram aos quaes se possa applicar o verso de Ovidio:

« So hebia agua e abhorrecia o vinho. »

E esta é, talvez, a razão pela qual, nas

não se achava naquella casa. Foram a sua morada sem perla de tempo, e tudo foi perdido. Instruidos então pelo Coronel de tudo quanto elle tinha presenciado, um raio do inferno incendiou a colera dos tres irmãos. Para logo pensaram na tração a mais infame, culpando sua irmã na complicitade.

A colera lhes borbulhou no coração, como as torrentes inflammadas fervem nas entranchas da terra. Eram surdos á boa opinião que sempre formou o Coronel da innocencia de D. Narcisa, e ficaram certos de que a moça tinha seguido um amante. Cheios de odio, jurando morte á aquella que osára arrostar assim a sua vontade despotica, dispozeram-se a procurar-a no mar, ainda que já houvessem tres horas de intervallo.

Quanto á vingança que projectavam ao raptor, era ella hedionda, horrivel; a nossa pena se recusa a pintal-a; deixamos ao leitor a liberdade de prevel-a!..

(Continúa.)

comedias antigas, davam-se cordões aos embriagados.

Não publicarei aqui o catalogo exacto de todos os reis que se davam á embriaguez; fallarei tão sómente d'aquelles, cujos nomes me vierem á idéa.

Alexandre-Magno foi o primeiro. Bastava só o nome deste monarcha para tornar-se completa esta historia.—*Verbum nom amplius addam*—dizia-se de um grande vaso de beber, tão inseparavel d'elle, que formavam ambos um admiravel parl

Cezar, para me servir das palavras de Balzac, não foi sempre o sabio destruidor da republica, pois nem sempre odiava o gosto de beber.

Gambyse foi tão dado ao vinho, como o vai mostrar o seguinte trecho historico. Um dos seus cortezaos tendo-lhe observado que o publico murmurava já muito de que elle se embriagasse tanto, vendo approximar-se-lhe o filho, tomou o arco, e disparando d'elle uma flecha, atravessou o coração do pobre menino, dizendo muito senhor de si:—*Olha como é certa a mão de um bebado!*

Mithridates, diz-nos Plutarcho, aquelle que fez guerra aos Romanos, entre outros divertimentos, inventou um que consistia em saber-se quem bebia mais e quem comia melhor, e diz-se que foi elle que ganhou ambos os premios, e desde então comeo e bebeo tanto, como não havia exemplo em nenhum outro homem do seu tempo!

Dario I, rei da Persia, mandou pôr sobre a sua campã esta inscripção:—*Pude beber muito vinho e melhor conservá-lo.*

Cyro, rei de tanta fama, alegou, entre outros muitos titulos, como direito de preferencia a seu irmão Artaxerxe, o beber mais do que elle.

Antiocho gostava tanto de vinho, que quasi não se levantava da cama de dia, e se o fazia perto da noite, era para tornar a beber e dormir. Tendo sido morto na guerra que declarou a Arsace, na Media, este disse-lhe, amortalhando-o:—Pobre, Antiocho! sua temeridade perdeu-o! julgava conquistar o meu reino com a mesma facilidade com que esvasiava os copos de vinho!

Hercules era bebedor tão notavel, que os historiadores e os poetas, por galanteria, representam-o navegando n'um vaso de beber.

(Continúa).

## Deos.

Se em noite escura levanto os olhos  
Ao escurecido céu,  
Então com a face em terra o contristado  
Admiro o poder Teu!..

Se deslizo ávidas vistas sobre o mar  
Chão e ameno,  
E de repente vejo encapelar-se as ondas  
E já não ser sereno,

Então venho constricto prosternar-me  
Aos pés da cruz,  
Aonde arrependido balbucio:  
Ah! Jesus! Jesus!..

Se olho para as arvores, flôr e fructo,  
E do céu ao extremo,  
Confortado suspiro: é obra ingente  
Do grande Ser Supremo!..

E se no homem buscar prova quero  
Do Teu grande poder,  
Vejo ontão cruzarem-se pensamentos  
Que não se podem descrever!

Eu Te rendo mil graças, oh meu Deos,  
Por me teres confortado;  
Que n'um delirio da existencia o fio  
Quasi vi cortado!..

Rio—Maio 24 de 1858.

A. P. Domingues.

## Retrato.

Debalde, ó bella,  
Cantar-te intento;  
Sinto ao tentão-o  
Cruel tormento.

Meigo sorriso,  
Divino olhar,  
Jamais quizeste  
Vir me outorgar.

O teu cabello  
De negra côr,  
Faz o meu peito  
Pulsar de amor.

Teus bellos olhos  
Pretos, galantes,  
São estrelinhas  
De amor, brilhantes.

A bocca tua  
E' cofre de ouro,  
Pequena e linda,  
De amor thesouro.

Carmineos labios,  
Pescoco airoso,  
Eburneo collo  
Muito formoso.

Cintura esbelta,  
Formosas plantas:  
Tens alvas mãos  
Que ás mais suplantas.

A face tua  
Linda e serena  
Tem côr divina,  
Tem côr morena.

Da rosa a graça  
Ou da camelia,  
Não é tão doce  
Como a de Adelia!

Mas tens um peito  
Desapiedado;  
De amor isento  
E abandonado.

Mulher tão fera  
Eu nunca vi,  
Nem tão formosa  
Eu conheci.

Eu sôra injusto,  
A amor ingrato,  
So não pintasse  
O teu retrato!

M. A. Calazans Peixoto.

## ANECDOTAS.

### A vida de casado.

— Perguntando-se em reunião a um homem rustico porque não se casava, respondeu elle:

— Snrs., dizem que a vida de casado é boa, porém ella a mim não me cheira nem me tóa; porque ellas querem um que vá, outro que venha, e outro que lhe acarrete a lenha; e um homem, que não tem donde isto lhe saia, anda muito arriscado a ser partido, ou mourisco, ou boi de qualquer arado.

### Verdades das verdades!

— Se fizeres beneficio a alguém, diz o proverbio Musulmano, deita a lembrança no mar, porque se os peixes a engolirem, Deos a recordará!

### O que é de graça não presta.

— Uma mulher do Halle, assistia a um espectaculo, dado ao povo, na grande Opera de Paris, e ouvindo um choro, disse ella para quem a escutava:— Vejam só esta canthal! Como a opera é de graça, cantam todos juntos para acabarem do pressa!

### Lembrança de Capuchinho.

— Um Capuchinho disse uma vez, que Deos tinha leito bem em pôr a morte no fim da vida, porque assim os vivos tinham tempo de se prepararem para quando ella chegasse.

### O tempo em Londres.

— Londres, disse um *tourista*, tem em cada anno *oit* mezes de inverno e *quatro* de mau tempo.

### Dito espirituoso.

— O grão-duque Leopoldo dizia que as commoções politicas da republica de Genova eram uma tempestade n'um topo d'agua.

### Canto do escravo!

Que triste vida a do escravo  
Quando serve a um mão senhor,  
Que dia e noite lhe mostra  
Sua raiva e seu furor!  
Que triste vida a do escravo  
Que nasceu com preta côr!

O escravo não tem descanço,  
Não mereço compaixão,  
Se serve o senhor com zelo,  
Tem por paga a ingratidão;  
Se chora, delle se riem,  
Peior o julgam que um cão!

Dia e noite elle supporta  
O peso de seus grilhões;  
Dia e noite ella padeco,  
'hora suas afflicções,  
Dia e noite o pobre escravo  
Só encontra ingratiões!



Nos labios do pobre escravo  
 Não apparece um sorrir,  
 E se um riso acaso mostra,  
 Nesse riso hade montir!  
 Pobre escravo, que nasceste  
 Para a um igual servir!

Fogem dello a toda a hor  
 Como se elle fosse um cão,  
 Pesam todos sobre o pobre  
 Que vivo na escravidão,  
 Sen soffrir amargurado  
 Não encontra compaixão!

Que triste vida a do escravo  
 Quando serve a um mão senhor,  
 Que dia e noite lhe mostra  
 O seu odio, o seu furor!  
 Deos! tem pena do coitado  
 A quem deste a preta cor!

Se amor sente elle no peito  
 Por uma preta mulher,  
 Casal-o deixam nessa hora  
 P'ra depois il-o vender,  
 Um esposo longe de outro...  
 Oh meu Deos, que padecer!

Seus pobres, queridos filhos,  
 Vê vendidos, separados!  
 Mulher e filhos perdidos  
 Da sua vista apartados!...  
 Triste escravo, que nasceste  
 P'ra viver com condemnados!

Que boa vida a do escravo  
 Quando serve a um bom senhor,  
 Que se dóe dos soffrimentos  
 De um homem de preta cor;  
 Mas que tristeza a do escravo  
 Quando serve a um mão senhor!

### À Mathildes.

Eu te amo, bella joven,  
 Como amo a Deos no céo;  
 Amo a tua voz suave,  
 Como amo o riso teu.

Amo o teu divino rosto,  
 Como amo a Linda cor;  
 Aos teus olhos fulgurantes,  
 Minha bella! eu tenho amor.

Amo o teu ar, o teu porte,  
 Amo emfim o todo teu;  
 Eu te amo com transporte,  
 Como amo a Deos no céo!

És linda como uma rosa  
 Em manhã d'inverno a abrir!  
 Teus dentes são finas perolas  
 Que se mostram n'um sorrir.

Basta de cantar as graças,  
 Oh! basta de ser pintor:  
 Quanto mais vejo teus dentes,  
 Crescer vejo o meu amor.

Theodolindo Cezar Filho.

### Uns olhos.

Dize-me, Elisa! teus olhos  
 Da esmeralda tem a cor?  
 São teus olhos de cor negra,  
 Azues, pardos, meu amor?

Serão pardos como a nuvem,  
 De um azul como o do Céu?  
 Diz, Elisa, vem garbosa  
 Desdobrar meu denso véo.

Vem! que eu intento de balde  
 Dos teus olhos ver a cor;  
 Emmudeço, abaixo os olhos  
 Se te encaro, oh meu amor!

Mas, dize-me, oh bella Elisa!  
 Teus olhos de que cor são?  
 Verdes, pretos, azues, pardos,  
 Prenderam-me o coração!

Dize, dize com presteza  
 De teus olhos qual a cor;  
 Eu nelles quero embelher-me,  
 A elles ter quero amor.

Junho—1858.

M. A. Calazans Peixoto. ✓

### MAXIMAS

da collecção do erudito portuguez o conselheiro

J. J. RODRIGUES BASTOS.

#### Honestidade.

— A probidade limita-se aos deveres da justiça, a honestidade estende-se a todos os deveres.

— A honestidade nas maneiras, sem a honestidade nos costumes, não é senão uma verdadeira hypocrisia.

— A qualidade de homem honesto é mais geralmente ostentada, que justificada.

— E' vergonhoso dizer o que não é honesto fazer.

— A Imperatriz Livia, passando pelas margens do Tibre, percebeu homens que se banhavam n'us. O Senado, informado, quiz fazel-os punir: Livia porém mandou pedir que o não fossem. Homens n'us, disse ella, não são senão estatuas aos olhos de uma mulher honesta.

#### Honra.

— Não ha nada no mundo nem mais forte, nem mais fragil do que a honra.

— A verdadeira honra consiste na justiça. O homem que não é justo, não é honrado.

— Toda a honra envilece aquelle que a não honra.

— Póde-se dizer da honra o que se diz da amizade: nada mais commum que a palavra, nada mais raro que a cousa.

— A honra annuncia virtudes; as honras nem sempre as suppõem.

— E' grande erro, loucura, ou injustiça conceder honras a quem não tem honra.

— Quando se lançam as honras ás mãos cheias, muitos indignos as levantam e o merecimento retira-se.

### POESIAS DE F. PALHA.

Nova edição, correcta e augmentada.  
 Vende-se a 10000, na praça da Constituição n. 64, e na rua do Cano n. 44.

PAULA BRITO recebeu a — segunda edição — das bellas e interessantes poesias do muito espirituoso vate Lisbonense o Sr. Francisco Palha, autor da muito engraçada *Fabia*, da *Republica das Letras*, e de outras composições de gosto. Coinpõe-se este livrinho de

Flores do Tumulo.  
 A Infanta de Castella.  
 A aposta do Rei.  
 Dona Giomar.  
 A Minha Patria.  
 A \* \* \*  
 A voz de um cégo.  
 A \* \* \*  
 O canto do Abencerragem.  
 Donde vens?  
 A tempestade e a rocha.  
 Os seus olhos.  
 Compraí.  
 Um conselho.  
 A Deos.  
 A F. Xavier de Novaes.

### Charadas.

A primeira com a segunda  
 Nome d'animal significa..... 2  
 A terceira com a quarta  
 Campo em que a Ceres purifica... 2

#### CONCEITO.

E' nome  
 D'uma prisão  
 D'esta charada  
 A decifração.

Com—ma—sou ave..... 1  
 Com—co—animal..... 1  
 Com—ma—sou fructa..... 1  
 Com—to—aperto..... 1

#### CONCEITO.

Nome proprio de Sra.

### CHIA'

SUPERIOR

#### PRETO, VERDE E NACIONAL.

Paula Brito caprichando hoje como antigamente em vender—*chá da melhor que ha*—chama a attenção de seus antigos freguezes para a sua loja da praça da Constituição n. 64—porta larga—onde terá sempre, como d'antes, generos bons e de bom gosto, que serão vendidos por preços commodos e com a boa fé de que o annunciante é capaz, procurando fazer tudo para que esta sua loja seja conhecida pelo titulo de—*Loja do bom e barato*.

64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64

Typographias de Paula Brito  
 Rua do Cano n. 42 e praça da Constituição n. 64.